

## ACERCA DO CONCEITO DE ARQUÉTIPO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Paulo Bonfatti<sup>1</sup>  
Cátia Cristina de Carvalho Nogueira<sup>2</sup>  
Kamilla Marina de Almeida Telles<sup>3</sup>  
Murilo de Almeida Campista Sousa<sup>4</sup>

### RESUMO

Esse artigo é resultado das pesquisas e discussões do Grupo de Estudos Junguianos, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), que ocorre semanalmente com a participação de acadêmicos e egressos do CES/JF e de outras instituições e profissionais de Psicologia. O objetivo desse trabalho será, brevemente, refletir sobre uma das importantes contribuições da Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung, que é o constructo de arquétipo, tentando compreendê-lo dentro da sua proposta estrutural e dinâmica da Psique. A metodologia utilizada será a revisão bibliográfica e, como resultado, espera-se levar um maior conhecimento acerca da Psicologia Analítica e suas contribuições, de modo a fomentar o aprofundamento nesta teoria psicológica.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Jung. Arquétipo.

### 1 INTRODUÇÃO

Carl Gustav Jung (1875-1961) é o fundador da Psicologia Analítica e ocupa um lugar de destaque na história da Psicologia Mundial com suas contribuições sobre a natureza da psique e, especialmente, do inconsciente. Jung concluiu o curso de Medicina no ano de 1900, desenvolvendo uma carreira brilhante, atuando como colaborador e pesquisador original, dentro do

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia clínica, Psicólogo, Professor e coordenador do grupo de estudos Junguianos do CESJF. E-mail: <paulobonfatti@hotmail.com>

<sup>2</sup> Mestra em Psicologia, graduanda de Psicologia e membro do grupo de estudos Junguianos do CESJF. E-mail: <catiaenfermagem@gmail.com>

<sup>3</sup> Graduanda de Psicologia e membro do grupo de estudos Junguianos do CESJF. E-mail: <kamillamarina.telles@gmail.com>

<sup>4</sup> Graduando de Psicologia e membro do grupo de estudos Junguianos do CESJF. E-mail: <muriloecampista@gmail.com>

hospital Burghölzli, de Zurique. Este hospital apresentava uma intensa atividade científica, que na época era dirigida por Eugen Bleuler, ilustre Psiquiatra (SILVEIRA, 1981).

Juntamente com outros pesquisadores do Hospital Burghölzli, Jung se dedica ao método das associações verbais (Teste de Associação de Palavras) que após um tempo é transformado em método de exploração do inconsciente, levando-o à descoberta dos complexos afetivos. Os complexos seriam conteúdos de forte carga psíquica que estariam numa dimensão inconsciente do testado - uma instância psíquica até então questionada nos moldes científicos à época. “A conceituação de complexo, juntamente com a técnica para detectá-lo, foi a primeira contribuição de Jung para a psicologia moderna.” (SILVEIRA, 1981, p. 10).

Jung, ao estudar a psique humana, foi um dos grandes investigadores do inconsciente e desenvolveu uma perspectiva própria a respeito desse objeto de investigação, diferentemente de Freud, que concebe os conteúdos como reprimidos e recalçados no inconsciente como provenientes de uma única fonte. Fonte essa relacionada aos instintos sexuais que fora dirigido às relações primordiais, pai e mãe, sendo esse conteúdo não suportado pela consciência, e dessa maneira são reprimidos e forçados a se manterem ao nível do inconsciente, podendo gerar sintomas e psicopatologias (HONDA, 2013).

Jung, por sua vez, considera a importância da sexualidade, mas a relativiza, sendo inclusive compreendida como uma das expressões da libido e não a única. Além de uma dinâmica totalmente distinta, sua concepção do inconsciente é vista como o mesmo sendo formado tanto por conteúdos pessoais quanto coletivos, autônomos e inesgotáveis, sendo o inconsciente coletivo é povoado de arquétipos (JUNG, 2002).

Após concluir sua formação em Psiquiatria – no Hospital Burghölzli em Zurique, no ano de 1905 – Jung passou os anos entre 1907 e 1913 realizando contribuições importantes junto à Freud. Findado o período de colaboração

entre estes dois teóricos, Jung imergiu, profundamente, em um processo de autoanálise, cujas constatações e observações que vivenciou contribuíram para que emergisse uma nova teoria psicológica, a Psicologia Analítica (STEIN, 2006).

O ponto final de ruptura entre Jung e Freud foi a publicação da obra **Símbolos da Transformação** em 1912 (JUNG, 2013b), passando, desde então, a trabalhar intensamente para que, no ano de 1921, começasse a apresentar os aspectos iniciais da Psicologia Analítica, através do livro **Tipos Psicológicos** (JUNG, 2012). No ano de 1930, Jung já possuía a maior parte dos conceitos básicos da sua teoria, mas somente entre os anos de 1930 e 1961 que foram apresentados os pontos importantes da Psicologia Analítica, bem como os seus aprofundamentos e contribuições. Dessa forma, a partir de 1930, podemos dividir a vida de Jung em dois momentos: os primeiros trinta anos em que Jung “[...] gerou os elementos básicos de uma monumental teoria psicológica, assim como abordou importantes questões coletivas do seu tempo, mas que não estão isentas de permanente atualidade” (STEIN, 2006, p.14); e os segundos trinta anos “[...] talvez menos inovadores no tocante a novos conceitos teóricos, mas a produção de livros e artigos foi até maior do que no primeiro período. Foram os anos de aprofundamento e validação das hipóteses e intuições anteriores.” (STEIN, 2006, p.14).

É importante lembrar que a investigação que Jung realizou em torno da Psique não se deu, apenas, a partir da observação de sujeitos experimentais e pacientes. Ao contrário, através da análise de si mesmo, Jung transformou-se em seu próprio sujeito de estudo, de modo que a abrangência desse estudo permitiu-lhe construir um “mapa da alma humana”<sup>5</sup> (STEIN, 2006). Stein (2006) salienta, ainda, que este mapa da alma visa à descrição da psique em suas

---

<sup>5</sup> A expressão “mapa da alma humana” é frequentemente utilizada por Murray Stein no livro **Jung: O Mapa da Alma**. Murray Stein é Analista Junguiano, formado pela Universidade de Yale, no Instituto C. G. Jung de Zurique e na Universidade de Chicago. Durante mais de vinte anos, dedicou-se ao treinamento de analistas; lecionou no Instituto C. G. Jung de Chicago e foi presidente da International Association for Analytical Psychology (STEIN, 2006).

diversas dimensões, bem como à explicação de como ocorre sua dinâmica interna.

Diante disso, observa-se que a imponente obra de Jung está organizada nos dezoito volumes das Obras Completas, nos três volumes de **Cartas**, nas coletâneas de entrevistas e outros escritos, além da autobiografia organizada por Aniela Jaffé<sup>6</sup>. Por ser um pensador intuitivo “[...] Jung expõe grandes conceitos, elabora-os em algum detalhe e depois segue em frente para outros grandes conceitos. Faz frequentemente marcha à ré, repete-se e vai tapando lacunas à medida que avança.” (STEIN, 2006, p.19).

Dentro de sua vasta obra nos deparamos com diversas contribuições. Uma das mais emblemáticas seria a de arquétipo, conceito que será foco de investigação.

A metodologia utilizada será revisão bibliográfica acerca do conceito de arquétipo na obra de Jung e, como resultado, espera-se levar um maior conhecimento acerca da Psicologia Analítica e suas contribuições, de modo a fomentar o aprofundamento nesta teoria psicológica.

## 2 A CONCEPÇÃO JUNGUIANA DO ARQUÉTIPO NA ESTRUTURA DA PSIQUE

Tendo, portanto, em mente, a intenção de apresentar e esclarecer acerca do conceito de arquétipo, necessário se faz realizar uma apresentação dos pontos principais da Psicologia Analítica.

Assim, os pontos que se seguem constituirão o formato do que Jung concebeu como a Estrutura da Psique. O primeiro elemento da Psique a ser abordado será a Consciência e a sua característica mais central, o Ego. A compreensão da dinâmica da Consciência e sua interação com o Ego trará a base para o entendimento do que vem a ser o segundo elemento da Psique,

---

<sup>6</sup> Analista, editora e escritora, nascida em 20 de fevereiro de 1903, Secretária no C. G. Jung Institute Zurich (1948-55), Secretária Pessoal de C. G. Jung (1955-61), autora de diversos livros dentro da perspectiva da Psicologia Analítica (HINSHAW, 2015).

chamado de Inconsciente. Esse último se divide em pessoal e coletivo. O Pessoal é povoado por estruturas conhecidas como Complexos Afetivos (ou apenas complexos). O primeiro acesso à dimensão do Inconsciente, possibilitado por conhecimentos acerca do Inconsciente Pessoal, criará condições favoráveis para que se possa entender, com maior clareza, o que vem a ser a camada mais profunda da Psique, o Inconsciente Coletivo e os seus Arquétipos. Stein nos diz que “[...] a descrição e o relato detalhado do arquétipo e do inconsciente coletivo converter-se-iam na sua assinatura [de Jung], a marca que distingue o seu mapa dos de todos os outros exploradores da psique profunda, o inconsciente.” (STEIN, 2006, p. 14).

Para dedicar-se ao estudo das camadas mais profundas da Psique, foi necessário que Jung compreendesse, previamente, o que vinha a ser a Consciência Humana. Diante disso, a Consciência pode ser entendida em termos das nossas percepções em torno dos nossos próprios sentimentos, de modo que, em seu centro, existe um eu, também chamado de Ego (JUNG, 2017; STEIN, 2006).

Jung pondera, ainda, que o primeiro relacionamento da Psicologia se dá, justamente, com a Consciência; para somente depois ocupar-se do produto do inconsciente “[...] que não pode ser diretamente explorado por estar a um nível desconhecido, ao qual não temos acesso.” (JUNG, 2017, p. 3). É nesse ínterim que a forma como as questões inconscientes se exprimem se dá através de elementos conscientes, que perpassam a consciência, sendo esta “[...] o único elemento fornecedor de dados para a nossa ação.” (JUNG, 2017, p. 3). A consciência do ego é, portanto, o meio pelo qual pode se dar a investigação psicológica, de modo que o conhecimento a respeito de qualquer coisa sempre se acontece mediado pelas capacidades e limitações intrínsecas à consciência. Foi com o objetivo de entender criticamente a Consciência que Jung elaborou a obra **Tipos Psicológicos** (JUNG, 2012), de modo que pudesse descrever as

oito tipologias existentes, caracterizados por formas diferentes de processar a informação e de experimentar a vida<sup>7</sup> (STEIN, 2006).

A compreensão da inter-relação entre a Consciência e o Ego, por sua vez, pressupõe o entendimento do que vem a ser este último. O Ego pode ser entendido como “[...] o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa”, ou “[...] à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação”, ou ainda, “[...] uma espécie de espelho no qual a psique pode ver-se a si mesma e pode tornar-se consciente.” (STEIN, 2006, p. 23). A intensidade que o conteúdo psíquico é refletido nesse espelho, por sua vez, é que influencia no grau de pertencimento deste conteúdo ao campo da Consciência, ou seja, conteúdos vagamente conscientes significam que ainda não foram captados nem mantidos em seu devido lugar na superfície refletora do Ego. Dessa forma, tudo aquilo que reflete e se mantém na superfície do Ego caracteriza a nossa consciência – aquilo que sabemos –, enquanto que tudo aquilo que ignoramos, ou que ainda não sabemos, caracteriza a nossa inconsciência (STEIN, 2006).

Diante disso, ao formar o centro crítico da Consciência, o Ego confere direção e determinação à nossa conduta; além de possibilitar conhecer, manipular e dominar uma grande quantidade de materiais dentro da consciência, funcionando como agente organizacional da nossa Psique (STEIN, 2006). Ademais, embora haja a presença de um ego rudimentar em toda a psique, ele cresce e se desenvolve à medida que o indivíduo amadurece psiquicamente, ao entrar em contato com situações que lhe provocam conflitos, dificuldades, angústias e dores (JUNG, 2017). Dessa forma, “[...] uma dose moderada de conflito com o meio ambiente e certa dose de frustração são, portanto, as melhores condições para o crescimento do ego” (STEIN, 2006, p.

---

<sup>7</sup> Jung descreve, em **Tipos Psicológicos** (JUNG, 2012), as duas principais atitudes existentes (introversão e extroversão), como também as quatro funções (o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição). “A disposição inata do ego nuclear para assumir uma dessas atitudes e funções forma a sua postura característica em face do mundo e no tocante à assimilação da experiência” (STEIN, 2006, p.36). O aprofundamento na questão dos Tipos não se deu por não se configurar como objeto de estudo da presente pesquisa.

34), essenciais para que o indivíduo adquira a capacidade de resolver problemas, tornando-se autônomo individualmente.

Durante os primeiros anos de sua carreira como Psiquiatra, Jung explorou o tema e o conteúdo dos complexos levando-o, posteriormente, a elaborar também o conceito de Inconsciente Pessoal.

A descoberta dos Complexos Afetivos por Jung se deu pela utilização de um instrumento científico da época, conhecido como Experimento de Associação Verbal<sup>8</sup>, que consistia no bombardeamento da psique por estímulos verbais, de modo a observar laboratorialmente as reações emocionais e fisiológicas que a consciência do indivíduo apresentava como resposta. A intenção era encontrar indícios da existência de conteúdos subjacentes à consciência (STEIN, 2006).

Ao identificar, principalmente, as reações emocionais dos sujeitos submetidos ao experimento, Jung procurou compreender o que estava acontecendo à psique para que a pessoa manifestasse determinado tipo de resposta diante de uma palavra-estímulo específica. Diante disso, Jung considerou que as “[...] respostas eram *indicadores de complexo* – sinais de ansiedade e prova evidente de reações defensivas contra conflitos psicológicos inconscientes” (STEIN, 2006, p. 43, grifo do autor) e que, portanto, significavam algo a respeito da natureza do inconsciente.

Ao ser apresentada uma palavra-estímulo específica, o indivíduo tendia a associar esta palavra a diversos conteúdos inconscientes, causando um emaranhado de lembranças, fantasias, imagens e pensamentos. E era, justamente, este emaranhado de conteúdos que provocava as perturbações na consciência, expressas em forma de reações emocionais e fisiológicas (SILVEIRA, 1981). Além disso, era muito comum os indivíduos não terem

---

<sup>8</sup> O Experimento de Associação Verbal foi um teste inventado por Galton e revisto pelo psicólogo alemão Wilhelm Wundt, que o introduziu na psicologia experimental do continente no século XIX. Antes de Jung e Bleuler o adotarem, o teste tinha sido usado principalmente para estudos teóricos nos quais a mente associa palavras e ideias. Seguindo o exemplo de Bleuler e a inspiração da obra de Freud sobre a importância dos fatores inconscientes na vida mental, Jung procurou dar ao teste um uso prático na clínica psiquiátrica, embora continuasse também a empregar os dados resultantes dele para teorizar sobre a estrutura da psique (STEIN, 2006).

consciência nenhuma da razão pela qual certas palavras lhes geravam essas reações. Dessa forma, “[...] ao conteúdo inconsciente responsável pelas perturbações da consciência deu Jung o nome de ‘complexos’.” (STEIN, 2006, p. 44).

O complexo afetivo em si não é necessariamente patológico, sendo o mesmo um aglomerado de experiências significativas para o sujeito. Todavia, por vezes, pode se organizar de forma patológica já que a descoberta dos complexos levou Jung a compreender outro fenômeno – a constelação dos complexos. Diz-se sobre a constelação de um complexo ou que um complexo está constelado quando a pessoa se vê ameaçada com a perda de controle sobre suas emoções e comportamentos, ao ser incitada por alguma situação. Nestes momentos, a pessoa é tomada por uma força muito superior à sua vontade e, com frequência, diz o que não pretendia dizer, ou faz o que não pretendia fazer. É exatamente quando os complexos se constelam que a pessoa fica sujeita a intensas descargas de energia, de modo que o Ego perde o total controle da consciência e, até mesmo, do próprio corpo (JUNG, 2017).

Didaticamente, os complexos estão associados ao Inconsciente Pessoal, para se referir à porção do inconsciente mais próxima à superfície, responsável por abrigar, sobretudo, estes conteúdos carregados de forte carga afetiva. Além de possuir os Complexos, o Inconsciente Pessoal diz respeito às:

[...] percepções e impressões subliminares dotadas de carga energética insuficiente para atingir o consciente; combinações de ideias ainda demasiado fracas e indiferenciadas; traços de acontecimentos ocorridos durante o curso da vida e perdidos pela memória consciente, recordações penosas de serem lembradas [...]. Acrescente-se à soma das qualidades que nos são inerentes, porém, que nos desagradam e que ocultamos de nós próprios, nosso lado negativo, escuro. Esses diversos elementos, embora não estejam em conexão com o ego, nem por isso deixam de ter atuação e de influenciar os processos conscientes, podendo provocar distúrbios tanto de natureza psíquica quanto de natureza somática (SILVEIRA, 1981, p. 59).

Ainda sobre os complexos afetivos, temos que a maioria das pessoas, no entanto, consegue conter parte da energia constelada pelo complexo e,



consequentemente, diminuir os efeitos das reações que ele provoca. Isso é particularmente necessário nos momentos em que o indivíduo precisa se adaptar ou sobreviver a determinada situação (STEIN, 2006).

O surgimento dos complexos, por sua vez, se dá ao longo da vida do indivíduo e passa a pertencer à própria pessoa, enquanto ser único. Isso, no entanto, não exclui a existência de complexos familiares e sociais, que compartilham entre si uma porção coletiva. Dessa forma, isso aponta para o fato de que “[...] traumas compartilhados são propícios a complexos em comum” (STEIN, 2006, p. 50), na medida em que a similaridade entre as experiências vividas por cada pessoa gera aspectos análogos entre elas, psicologicamente falando (JUNG, 2017).

A ideia de que os complexos são compartilhados em grupo já nos aponta para a concepção posterior de Jung, referente aos arquétipos e ao inconsciente coletivo. Dentro dessa perspectiva, torna-se importante falarmos um pouco sobre a estrutura dos complexos, que nos trará embasamento para iniciarmos a discussão em torno das dimensões mais profundas da Psique, o inconsciente coletivo e, especialmente, os arquétipos.

Para Jung, o núcleo do complexo encontra-se dividido em duas partes: uma imagem que remete à experiência significativa originária, mas também uma porção inata – arquetípica – que se lhe associa (JUNG, 2017). Ou seja, uma experiência significativa originária, traumática ou não, cria uma imagem mnemônica afetivamente carregada que se associa, como se verá, a imagens arquetípicas, de maneira que “[...] os elementos arquetípicos da psique são vivenciados cotidianamente através da experiência dos complexos.” (STEIN, 2006, p. 56). É, portanto, a partir desse componente arquetípico que compõe os complexos, que será possível caminhar no sentido de compreender o que Jung conceituou como sendo Arquétipos.

À medida que Jung analisava-se a si mesmo, bem como os materiais dos sonhos e das fantasias trazidas por seus pacientes, mais Jung caminhava rumo às profundezas do inconsciente, de modo a constatar a existência de “[...]”

algumas estruturas gerais da mente humana, estruturas que pertencem a todos os seres humanos.” (STEIN, 2006, p. 83). A esta porção, responsável por abrigar combinações “[...] de padrões e forças universalmente predominantes, chamadas ‘arquétipos’ e ‘instintos’.” (STEIN, 2006, p. 83), Jung atribuiu o nome de Inconsciente Coletivo.

Se, por um lado, a ideia dos complexos pode ser elaborada a partir da observação e experimentação com pacientes ditos normais, neuróticos; por outro, a concepção do conceito de inconsciente coletivo e arquétipos foi, inicialmente, possível a partir dos delírios e alucinações apresentadas por seus pacientes psicóticos, que o deixavam especialmente curioso. Jung se questionava, sobretudo, sobre a origem das imagens apresentadas por este tipo de paciente (SILVEIRA, 1981).

Cumprido dizer, que apesar desse percurso, observa-se que as manifestações do inconsciente coletivo não são exclusivamente psicopatológicas. Todavia, foi, no ano de 1906 que Jung registrou um importante fato, ocorrido com um paciente esquizofrênico paranoide que, ao direcionar o olhar para o sol, piscava os olhos repetidas vezes e balançava a cabeça de um lado para o outro (SILVEIRA, 1981). O paciente lhe tomou pelo braço mostrando-lhe que com o movimento da sua cabeça o pênis do sol também se moveria dando esse movimento, a origem do vento. Quatro anos depois, ao ler uma recentíssima descoberta publicada sobre as visões de adeptos de Mithra, Jung viu a seguinte descrição:

O caminho dos deuses visíveis aparecerá através do Sol, o Deus, meu pai; do mesmo modo, tornar-se-á visível também o assim chamado tubo, a origem do vento propiciatório. Pois verás pendente do disco solar algo semelhante a um tubo. E rumo às regiões do oeste, um contínuo vento leste; se o outro vento prevalecer em direção ao leste, verás, de modo semelhante, a face movendo-se nas direções do vento (DIETERICH, 1910 apud JUNG, 2017, p. 61).

Foi observado uma casuística considerável dessas experiências, mas esse caso foi paradigmático para Jung. Dessa forma, a convergência existente entre as observações empíricas coletadas em seus atendimentos clínicos e as

experiências vividas em sua própria vida, permitiu que Jung começasse a construir o conceito de Inconsciente Coletivo e ampliasse o que denominou como sendo os Arquétipos (SILVEIRA, 1981) que seriam constituintes dessa camada psíquica coletiva.

O conceito de arquétipo ocupa lugar significativo na teoria fortemente associado à ideia de inconsciente coletivo, um substrato psíquico coletivo. O arquétipo pode ser compreendido como uma “[...] *probabilidade psíquica*, porque retrata os acontecimentos ordinários e instintivos em uma espécie de *tipos*” (JUNG, 1984, p. 520, grifo do autor).

Trata-se, o arquétipo, de “[...] uma predisposição inata para a criação de fantasias paralelas, de estruturas idênticas, universais, da psique [...]” (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, p. 145). Todavia, apesar do caráter universal do arquétipo, suas manifestações são individuais (JUNG, 1998) e correspondem a percepções próprias que cada indivíduo traz consigo desde o nascimento (JUNG, 2017, 2013b).

Nesse sentido, nota-se que a noção de arquétipo possui paralelos com a ideia de instinto, sem que, no entanto, possuam significado equivalente. Segundo Jung (1998, p. 108) o arquétipo corresponde ao “[...] aspecto formal do instinto [...]” e pode ser compreendido como “[...] as manifestações psicológicas do instinto” (JUNG, 1998, p. 116). Para esse autor, “[...] provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto os mesmos não são postos em ação *in concreto*” (JUNG, 2017, p. 91, grifo do autor).

A significação psicológica do arquétipo é uma exclusividade de Jung, entretanto, ideias semelhantes podem ser observadas em outros campos do conhecimento humano. Segundo ele:

O conceito de arquétipo [...] indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de Levy-Brühl e no campo das religiões comparadas foram definidas como “categorias da imaginação” por Hubert e Mauss. Adolf Bastian designou-as bem antes como

“pensamentos elementares” ou “primordiais”. A partir dessas referências torna-se claro que a minha representação do arquétipo – literalmente uma forma preexistente – não é exclusivamente um conceito meu, mas também é reconhecido em outros campos da ciência (JUNG, 2017, p. 53-54, grifo do autor).

Mais adiante na mesma obra, Jung (2017) menciona Platão e Hermann Usener como outros autores que, em suas respectivas áreas de atuação e pesquisa, trabalharam com noções análogas à concepção de arquétipo – isso sem considerar também Agostinho (JUNG, 1984). Segundo Jung, sua contribuição à problemática do arquétipo reside no fato de “[...] ter provado que os arquétipos não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa” (JUNG, 2017, p. 90).

De acordo com Jung “[...] os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam as dominantes estruturais da psique em geral [...]. [Além disso, o arquétipo] aparece ao mesmo tempo que a vida” (JUNG, 1980, p. 148-149, nota 2).

Em cada indivíduo, manifesta-se por meio de imagens individuais (nomeadas por Jung como imagens arquetípicas) que têm a função de agrupar os elementos psíquicos próprios de cada pessoa e enviar à consciência algo como uma mensagem proveniente do inconsciente. Nessa perspectiva, o arquétipo só pode ser conhecido através de seus efeitos (JUNG, 1980).

### Segundo Jung

Não devemos confundir as representações arquetípicas que nos são transmitidas pelo inconsciente com o *arquétipo em si*. Essas representações são estruturas amplamente variadas que nos remetem para uma forma básica *irrepresentável* que se caracteriza por certos elementos formais e determinados significados fundamentais, os quais, entretanto, só podem ser apreendidos de maneira aproximativa (JUNG, 1984, p. 218, grifo do autor).

A respeito dos efeitos – ou impactos – causados no indivíduo que entra em contato com conteúdo arquetípico, Jung salienta que “[...] pode-se perceber a energia específica dos arquétipos quando se é tomado por um legítimo

sentimento de *numinosidade* que a acompanha como uma fascinação ou encanto que deles emanam” (JUNG, 1998, p. 239, grifo do autor).

Nesse sentido, nota-se que o arquétipo é caracterizado “[...] pelo aspecto *numinoso*” (JUNG, 1980, p. 149, grifo do autor). O numinoso, “[...] desafia explicações, porém parece conter uma mensagem individual que, embora misteriosa e enigmática, também é profundamente impressionante.” (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, p. 136),

Segundo Jung (1998, p. 108), o conceito de arquétipo “[...] dá ensejo a muitos mal-entendidos e, por isso, presume-se ser de difícil compreensão [...]” (JUNG, 1998, p. 108). Por essa razão, conforme observa von Franz:

Muitos têm criticado os pontos de vista junguianos porque não apresentam um material psíquico sistematizado. No entanto, se esquecem de que o material propriamente dito é a experiência viva, carregada de emoção, irracional e mutável por natureza, não se prestando a sistematizações a não ser de um modo muito superficial. A psicologia moderna experimental alcançou os mesmos limites que defrontam a microfísica. Isto é, quando se lida com níveis médios estatísticos, é possível fazer-se uma descrição racional e sistemática dos fatos; mas quando tentamos descrever um acontecimento psíquico particular, resumimo-nos a apresentar um quadro honesto dessa ocorrência, de tantos ângulos quanto for possível. Do mesmo modo, os cientistas têm de admitir que não sabem exatamente o que é a luz. Podem dizer apenas que em certas condições experimentais parece consistir de partículas, enquanto em outras parece consistir de ondas. Mas ignora-se o que é a luz “em si”. A psicologia do inconsciente [...] [encontra] dificuldades de definição idênticas (FRANZ, 2008, p. 216).

A exploração do conceito de arquétipo e suas manifestações possui grande valor compreensivo não só na clínica, como também nas mitologias, na filosofia, nas religiões e na arte – espaços onde podemos encontrar suas manifestações, que são as imagens arquetípicas.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jung postula que há um substrato psíquico comum da humanidade: Inconsciente Coletivo. Uma camada coletiva se diferenciaria do inconsciente pessoal que estaria ligado às experiências do indivíduo. (SILVEIRA, 1981).

Essa perspectiva coletiva aponta que a dinâmica psíquica de cada indivíduo não estaria ligada apenas às suas experiências pessoais. Além disso, cada sujeito carrega em si um lastro psíquico comum a partir das experiências de toda a humanidade. Ao aprofundar nos elementos constituintes do inconsciente coletivo Jung aponta que seriam, justamente, os arquétipos (JUNG, 2017).

Para Jung, os arquétipos são oriundos de experiências significativas da humanidade gravadas no inconsciente coletivo. Todavia, eles não seriam imagens ou ideias herdadas, mas sim a possibilidade herdada do surgimento de representações psíquicas semelhantes. Assim o arquétipo é a forma já o conteúdo ou suas manifestações, as imagens arquetípicas (JUNG, 2017).

De acordo com Jung (2017), essas imagens arquetípicas podem ser observadas nas mitologias, artes, filosofias, símbolos religiosos, delírios e alucinações de psicóticos, produções oníricas e dinâmicas das pessoas em dinâmicas não psicopatológicas.

O constructo de arquétipo é fenomenologicamente observável. Além disso, sendo o aparelho psíquico junguiano visto tanto numa dinâmica inconsciente individual quanto coletiva é de grande importância compreender essa dinâmica para, justamente, apreender a natureza da psique (JUNG, 2013a).

Na busca das manifestações espontâneas de natureza arquetípica, pode-se criar uma arqueologia da psique que retrata desde tempos imemoriais as manifestações do inconsciente coletivo. Assim, observa-se temas arquetípicos como do herói, da iniciação, da transcendência, do eterno feminino etc.

(HENDERSON, 1987). Ademais, esses temas surgem em épocas e locais distintos e não são compreendidos pela cultura, geografia, história ou genética.

O fenômeno do arquétipo poderia ficar circunscrito nas perspectivas antropológicas ou culturais. Todavia, mais que isso, são aspectos psíquicos coletivos que podem ser identificados na clínica psicológica na contemporaneidade com grande importância para a prática da psicoterapia (JUNG, 2014).

Diante da amplitude conceitual e prática do inconsciente articulada por Jung e de suas manifestações arquetípicas, as pesquisas iniciadas pelo Grupo de Estudos Junguianos exigem continuidade. Algo que certamente irá ocorrer e levar para uma maior compreensão da natureza da psique.

Assim sendo, é-se levado a crer que aprofundar na psicologia junguiana é de grande importância não só dentro de uma circunscrição teórica específica. Mais que isso, para a Psicologia como um todo.

## ABOUT THE ARCHETYPE CONCEPT IN ANALYTICAL PSYCHOLOGY: BRIEF CONSIDERATIONS

### ABSTRACT

This article is the result of the research and discussions of the Group of Jungian Studies of the Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - Brazil (CES/JF) that takes place weekly with the participation of CES/JF scholars and graduates and other institutions and professionals of Psychology. The objective of this work will be to briefly reflect on one of the important contributions of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology, which is an archetype construct trying to understand it within its structural and dynamic psyche proposal. The methodology used will be the bibliographical review and, as a result, it is hoped to bring a greater knowledge about Analytical Psychology and its contributions in order to foment the deepening in this psychological theory.

**Key-words:** Analytical Psychology. Jung. Archetype.

## REFERÊNCIAS

FRANZ, M-L. von. O processo de individuação. In. JUNG, C.G.(org). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 158-229.

HENDERSON, J. Os mitos antigos e o homem moderno. In. JUNG, C.G.(org). **O homem e seus símbolos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 104-157.

HINSHAW, R. **Aniela Jaffé**: Obituário. Disponível em: <file:///C:/Users/Desktop/Downloads/Robert-Hinshaw-Aniela-Jaff%C3%A9-Obitu%C3%A1rio1.pdf >. Acesso em: 14 out 2018.

HONDA, H. O estatuto conceitual do inconsciente em Freud e algumas de suas implicações para a prática psicanalítica. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 16, n. spe, p. 41-57, Abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v16nspe/04.pdf> Acesso em: 10 out. 2018.

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_ **A energia psíquica**. Petrópolis: Vozes, 2002

\_\_\_\_\_ **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

\_\_\_\_\_ **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_ **A vida simbólica**: escritos diversos. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_ **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_ **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_ **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2013b.

\_\_\_\_\_ **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, A. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

STEIN, M. **Jung**: o mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 2006.